

# Os efeitos de sentido das formas do discurso relatado em notícias

**Jéferson Ferreira Belo**

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil  
jefersonfbelo@yahoo.com.br

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v45i3.678>

## Resumo

Partindo dos pressupostos de que o discurso e o sujeito são constitutivamente heterogêneos e de que as formas de discurso relatado estejam ligadas a tendências sociais estáveis de interpretação, este trabalho tem como objetivo principal analisar os efeitos de sentido que as diferentes formas do discurso relatado produzem em uma notícia publicada no *site* da revista *Carta Capital* e em outra publicada no *site* da revista *Veja*. As notícias são sobre o pronunciamento oficial da presidente Dilma Rousseff veiculado na televisão e no rádio no dia 23 de janeiro de 2013. Nesse sentido, ao comparar como o pronunciamento da presidente foi citado nas duas revistas, objetiva-se especificamente investigar e analisar se a seleção de uma forma de discurso relatado nessas notícias decorre da posição ideológica do órgão de imprensa.

**Palavras-chave:** discurso relatado; notícia; Dilma Rousseff.

## Effects of Meaning of Reported Speech Forms in Web News

### Abstract

Assuming that discourse and subject are constitutively heterogeneous and that reported speech forms are linked to stable social trends of interpretation, this work is meant to examine the effects of meaning that different reported speech forms produce in a piece of news published on *Carta Capital* magazine website and in another piece published on *Veja* magazine website. These two pieces of news are about President Dilma Rousseff's official pronouncement that was aired on the radio and on television on January 23, 2013. Thus, once compared how the President's pronouncement was cited in both magazines, this study intends specifically to investigate and analyze if the use of reported speech forms in these pieces of news follow the ideological position of the press organ.

**Keywords:** reported speech; news; Dilma Rousseff.

## Introdução

Este trabalho encontra-se no campo teórico-metodológico da Análise do Discurso (AD). Seu objetivo principal é analisar os efeitos de sentido que as formas do discurso relatado produzem em notícias publicadas nos *sites* das revistas *Carta Capital* e *Veja*. As notícias são sobre o pronunciamento oficial da presidente Dilma Rousseff veiculado na televisão e no rádio no dia 23 de janeiro de 2013. Nesse sentido, ao comparar como o pronunciamento da presidente foi citado nas duas revistas, objetiva-se especificamente investigar e analisar se a seleção de uma forma de discurso relatado nessas notícias decorre da posição ideológica do órgão de imprensa e apresentar os

possíveis efeitos de sentido que a forma selecionada pode construir para leitores de diferentes posicionamentos.

Para dar consequência à análise do *corpus*, pressupõe-se que os discursos e os sujeitos sejam constitutivamente heterogêneos (AUTHIER-REVUZ, 1990, 2004) e que a interpretação que os leitores fazem das formas de discurso relatado (principalmente do discurso direto e do discurso indireto) esteja ligada a tendências sociais estáveis de interpretação (BAKHTIN, 2006). Para dar conta da relação entre os sujeitos e os “lugares” de onde enunciam, na análise do *corpus*, lança-se mão não só do conceito de formação discursiva (como proposto por Pêcheux e Fuchs (1997)), mas também do conceito de espaço discursivo (proposto por Maingueneau (1997)). Além desses, também foram utilizados conceitos forjados por Charaudeau.<sup>1</sup>

Apresentam-se, a seguir, os pressupostos teóricos, a metodologia, a análise do *corpus* e as considerações finais deste trabalho.

### **Pressupostos teóricos**

Os postulados da heterogeneidade constitutiva do discurso e da divisão do sujeito foram propostos por Authier-Revuz (1990, 2004), que se baseia no conceito de dialogismo do Círculo de Bakhtin e na releitura lacaniana da obra de Freud. Para a autora, o discurso é constitutivamente heterogêneo, pois um discurso só se constitui a partir de e em relação a outro(s) discurso(s). Além disso, supondo que o inconsciente possa se manifestar por meio de atos falhos, sonhos e linguagem corporal (ou seja, que ele é estruturado como linguagem), deve-se reconhecer, então, que o “discurso do inconsciente” aparece no discurso “normal”. Desse modo, portanto, o discurso é constitutivamente heterogêneo, pois ele está intrincado com outros discursos e o “discurso do inconsciente”. Já o sujeito é tomado pela autora como falante dividido que é um efeito da linguagem, isto é, não existe uma posição exterior à linguagem em relação a qual o sujeito possa tomar distância.

Segundo Authier-Revuz, as formas de heterogeneidade mostrada são “elementos da *representação* – fantasmática – que o *locutor* (se) dá de sua *enunciação*.” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 70, grifo da autora), correspondendo a uma forma de negociação necessária do falante com a heterogeneidade constitutiva. Dentre as formas de heterogeneidade mostrada e marcada, Authier-Revuz (1990, p. 29-32; 2004, p. 12-21) apresenta o discurso direto, o discurso indireto, a autonímia simples (em que ocorre a menção de um fragmento, acompanhada de uma ruptura sintática ou introduzida por um termo metalinguístico), a modalidade autonímica (em que ocorre a menção e o uso de um fragmento, sem ruptura sintática), as fórmulas de comentário (as diversas formas de glosas, retoques e comentário sobre um fragmento) e as figuras ou tropos no nível do significante. Dentre as formas de heterogeneidade mostrada e não-marcada, têm-se o discurso indireto livre, a ironia, a antífrase, a imitação, a reminiscência, o estereótipo, etc.

---

<sup>1</sup> Apesar de as teorias dos autores citados possuírem pontos em comum, as escolhas teóricas e metodológicas feitas aqui, ainda assim, podem ser consideradas incompatíveis. No entanto, por considerar que a complexidade do que se tem chamado de discurso relatado seja muitas vezes subestimada e que nenhum autor ou teoria tenha esgotado este tema, preferiu-se selecionar elementos das diversas teorias para dar conta da análise do *corpus*.

Devido a sua gramaticalização, o discurso direto e o discurso indireto merecem atenção especial, pois essas duas formas de heterogeneidade mostrada e marcada têm sido tradicionalmente colocadas em oposição e, a partir delas, tem surgido diversas formas híbridas, que se encontram num *continuum* entre esses dois polos.

Ao longo da história, ao discurso direto (DD) e ao discurso indireto (DI), têm-se atribuído diversos sentidos em diferentes tipos de discurso. Por exemplo, segundo Medeiros (2004, s.p.), a partir de Platão, é possível pensar o DI como cópia (boa) por ter relação com a ideia e o DD como simulacro de um dizer. No entanto, a proposta de que o DD é um discurso primeiro e o DI é um discurso derivado surgiu no século XVII na *Gramática de Port-Royal*.

Sendo assim, o trabalho de Medeiros (2004) permite afirmar que atualmente o DD é tido como um discurso primeiro e sua utilização demonstra objetividade, neutralidade e fidelidade à palavra do outro. E, por ser considerado um discurso segundo, é atribuído ao DI um estatuto menos objetivo, menos neutro e fiel. Ou seja, pressupõe-se que essas sejam as “tendências sociais estáveis” (BAKHTIN, 2006, p. 152) de interpretação do DD e do DI no discurso jornalístico.

## Metodologia

Para estudar o discurso relatado, é de extrema relevância ter acesso ao discurso “original” que foi citado na notícia. Dessa forma, escolheu-se o pronunciamento oficial da presidente Dilma Rousseff veiculado na televisão e no rádio no dia 23 de janeiro de 2013. O pronunciamento está disponível em texto e vídeo no *site*<sup>2</sup> oficial do Palácio do Planalto, sendo ambos idênticos entre si.

Depois disso, pesquisaram-se notícias publicadas nos *sites* das revistas *Carta Capital* e *Veja* sobre o pronunciamento. Essas revistas foram escolhidas, pois as duas geralmente assumem posicionamentos antagônicos, o que contribui para que se possa atingir o objetivo deste trabalho. Desse modo, o *corpus* constitui-se do pronunciamento oficial da presidente Dilma Rousseff, uma notícia da revista *Carta Capital* e uma notícia da revista *Veja*.

Em sua análise, levou-se em consideração tanto o discurso citado como o discurso citante, pois segundo Bakhtin (2006, p. 154), os pesquisadores que já se ocuparam das formas de transmissão do discurso de outrem cometeram um erro fundamental ao estudá-las isoladamente. De acordo com o autor, os discursos citados e citantes só se formam e têm uma existência real por meio da inter-relação.

Ainda segundo Bakhtin (2006, p. 154), a dinâmica dos dois discursos reflete a dinâmica da inter-relação social dos indivíduos na comunicação ideológica verbal. Sendo assim, para averiguar se a seleção de uma forma de discurso relatado decorre da posição ideológica do órgão de imprensa, será observado como a forma selecionada aparece nos textos noticiosos das duas revistas.

## Análise do *corpus*

No dia 21 de janeiro de 2013, foi transmitido pela televisão e pelo rádio um

---

<sup>2</sup> <<http://www2.planalto.gov.br/imprensa/discursos>>

pronunciamento oficial da presidente Dilma Rousseff, que informa uma redução de tarifa na energia elétrica. No mesmo dia, sobre esse pronunciamento, a revista *Carta Capital* publicou em seu *site* uma notícia assinada por “Redação Carta Capital” e intitulada “Dilma diz que Brasil não terá racionamento nos próximos anos”. Já na revista *Veja*, a notícia sobre o mesmo fato recebeu o seguinte título: “Dilma vai à TV para negar risco de apagão e ataca quem é ‘do contra’”. Essa notícia foi assinada por Laryssa Borges.

Ao comparar os dois títulos, percebem-se semelhanças e diferenças. A principal semelhança é o fato de os enunciadores das duas notícias terem “destacado”, por meio do título, uma parte de um mesmo enunciado do pronunciamento. Veja-se o trecho:

Isso significa que o Brasil vai ter energia cada vez melhor e mais barata, significa que o Brasil tem e terá energia mais que suficiente para o presente e para o futuro, *sem nenhum risco de racionamento* ou de qualquer tipo de estrangulamento no curto, no médio ou no longo prazo. (ROUSSEFF, 2013, s.p., grifo nosso)

Apesar de o mesmo fragmento ter sido destacado, enquanto no título da notícia da *Carta Capital* mantém-se a palavra “racionamento” presente no discurso citado, no título da *Veja* percebe-se o objeto de discurso<sup>3</sup> “apagão”, que não aparece em nenhum momento no pronunciamento da presidente.

Nos anos de 2001 e 2002, esse objeto de discurso foi utilizado para fazer referência à interrupção ou à falta de energia elétrica causada tanto pela ausência de investimentos no setor elétrico como pela escassez de chuvas no Brasil, obrigando a população a racionar energia.<sup>4</sup> Visto que, no início do mês de janeiro de 2013, os níveis das hidrelétricas chegaram próximos aos de 2001<sup>5</sup>, a repetição desse objeto de discurso é uma referência a essa circunstância e a suas consequências negativas. Desse modo, é por meio dos efeitos de sentido ligados à memória discursiva de “apagão” que o leitor é induzido a concluir as consequências de um possível racionamento, que a presidente nega.

Ainda em relação ao título da notícia da revista *Veja*, nota-se que há a informação de que a presidente “ataca quem é ‘do contra’”. Tal informação é julgada relevante, tanto que figura em uma posição privilegiada (no título). A presença do verbo *dicendi* “atacar” introduz o discurso relatado, mas também demonstra uma avaliação da jornalista em relação à fala de Dilma, constituindo-se, assim, uma marca de heterogeneidade. Nesse caso, a presença do verbo “atacar” expressa um suposto tom agressivo da fala da presidente.

Além disso, tem-se a expressão aspeada “do contra” que, segundo Maingueneau (2013, p. 193), pode ser analisada como uma *ilha textual*, ou seja, menciona-se e usa-se o fragmento de um discurso primeiro (o trecho “do contra”, da fala da presidente),

---

<sup>3</sup> Entende-se *objeto de discurso* como “uma entidade constitutivamente discursiva [que se apresenta materialmente na língua e] que se desdobra, ao mesmo tempo, no intradiscurso e no interdiscurso.” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 352, grifo do autor)

<sup>4</sup> *A crise do apagão*. Disponível em: <<http://www.ienergia.com.br/energia/apagao.aspx>>. Acesso em: 29 set. 2015.

<sup>5</sup> NETO, Ruy Barata. *Risco de racionamento eleva uso de termelétricas*. Disponível em: <<http://economia.ig.com.br/2013-01-07/risco-de-acionamento-eleva-uso-de-termeletricas.html>>. Acesso em: 29 set. 2015.

introduzido pelo discurso indireto (“Dilma [...] *ataca* quem é ‘do contra’”). A utilização das aspas sinaliza que o enunciador da notícia não se responsabiliza pelo fragmento, que pertence ao discurso de outro, indicando, assim, outra forma de heterogeneidade mostrada e marcada. Um dos motivos pelo qual “do contra” foi aspeado é, provavelmente, porque a jornalista não concorda que haja pessoas “do contra”, ou ainda acha imprópria essa expressão, distanciando-se dela por meio das aspas.

Ainda em relação ao verbo *dicendi* “atacar”, é interessante notar que ele também aparece na notícia da *Carta Capital*, mas no intertítulo: “Em pronunciamento, presidenta ataca previsões ‘sem fundamento’ e antecipa desconto maior que o previsto nas contas de energia”. Sendo assim, apesar de os enunciadores das duas notícias “concordarem” sobre o tom das palavras da presidente no pronunciamento, eles conferem estatutos diferentes para essa informação, ou seja, enquanto para a *Veja* ela é importante e aparece no título, para a *Carta Capital*, ela é uma informação secundária, aparecendo apenas no intertítulo. Além disso, na primeira revista o alvo de Rousseff são “os do contra”, na segunda, seu alvo são as “previsões ‘sem fundamento’”. Observe-se, também, ainda no intertítulo dessa notícia, a ilha textual “sem fundamento” cujas aspas têm a função de mostrar o distanciamento do enunciador da notícia em relação a esse fragmento, que se trata das palavras utilizadas por Dilma Rousseff.

Considere-se, agora, o intertítulo da notícia da revista *Veja*: “Presidente diz que país não será atingido por previsões ‘alarmistas’ e insiste em classificar como erros as perspectivas de desabastecimento”. Além da ilha textual (cujas aspas cumprem a mesma função que nos casos anteriores), pode-se notar, na locução verbal “insiste em classificar”, a presença de um pré-construído. Esse conceito, segundo Charaudeau e Maingueneau, “pode ser entendido como a marca, no enunciado, de um discurso anterior.” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 401) Nesse caso, o verbo “insistir” indica que essa não é a primeira vez que a presidente classifica as perspectivas de desabastecimento como erros, sugerindo que as negações sobre o desabastecimento têm sido constantes.

Em relação ao corpo da notícia da revista *Veja*, observe-se o seguinte trecho:

Em pronunciamento em cadeia de rádio e televisão na noite desta quarta-feira, a presidente Dilma Rousseff resolveu levar a discussão do setor elétrico para o campo político. Depois de ser duramente criticada – no Brasil e no exterior – pela maneira como impôs novas regras de jogo às concessionárias de energia elétrica, de modo a baratear a conta de luz, a presidente foi questionada pela oposição sobre o risco de apagão. Escolheu a TV para atacar sem ser incomodada por réplicas. (BORGES, 2013, s.p.)

Notam-se os verbos “resolveu”, “impôs” e o enunciado “escolheu a TV para atacar sem ser incomodada por réplica”, que conferem um *ethos*<sup>6</sup> autoritário à presidente, ou seja, a imagem que se tem de Dilma Rousseff, na notícia, é que todas as suas ações estão em detrimento da maioria (“Depois de ser duramente criticada – no Brasil e no exterior [...]”) e são causadas por sua própria vontade.

---

<sup>6</sup> Segundo Maingueneau, “o *ethos* discursivo é coextensivo a toda enunciação: o destinatário é necessariamente levado a construir uma representação do locutor, que este último tenta controlar, mais ou menos conscientemente e de maneira bastante variável, segundo os gêneros do discurso.” (MAINGUENEAU, 2010, p.79).

Apesar de não parecer, em “a presidente Dilma Rousseff resolveu levar a discussão do setor elétrico para o campo político” e “escolheu a TV para atacar sem ser incomodada por réplica”, há discurso relatado. Segundo Charaudeau (2006, p. 164), há quatro maneiras de se relatar um dito, mas aqui se trata da “narrativização”<sup>7</sup>, em que o dito de origem é relatado, de tal maneira, que se integra totalmente ou mesmo desaparece no dito de quem relata<sup>8</sup>, isto é, “o locutor do dito de origem torna-se agente de um ato de dizer.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 165). Desse modo, todo o pronunciamento e sua enunciação são tomados como um ato de dizer da presidente, fazendo com que ela se torne responsável por levar a discussão do setor elétrico para o campo político e por escolher a TV para atacar sem ser incomodada.

Agora, considere-se a relação entre o enunciador do pronunciamento e o enunciador da notícia como a relação entre duas formações discursivas. Segundo Pêcheux e Fuchs (1997, p. 166-167), inscrita numa formação ideológica, a formação discursiva (FD) determina o que pode e deve ser dito a partir de uma dada posição em condições de produção específicas. Nessa perspectiva, os dois enunciados representam a interação de duas FDs no espaço discursivo, ou melhor, a relação de uma FD com seu Outro<sup>9</sup>. Segundo Maingueneau, “quando uma formação discursiva faz penetrar seu Outro em seu próprio interior, por exemplo, sob a forma de citação, ela está apenas “traduzindo” o enunciado deste Outro, interpretando-o através de suas próprias categorias” (MAINGUENEAU, 1997, p. 120). Ainda de acordo com Maingueneau (1997, p. 120-121), o processo de *interincompreensão* acontece em virtude das categorias que definem a identidade de uma determinada FD condicionarem o que se deve falar/não falar e compreender/não compreender. Sendo assim, para preservar sua identidade, uma FD “*só pode relacionar-se com o Outro do espaço discursivo através do simulacro que dele constrói.*” (MAINGUENEAU, 1997, p. 122, grifo do autor). Seguindo as considerações de Charaudeau e Maingueneau, pode-se dizer que os dois enunciados em questão foram “narrativizados” e são simulacros não só do pronunciamento da presidente como de sua enunciação. Desse modo, o enunciador da notícia não se posiciona contra o pronunciamento propriamente dito, mas sim contra um simulacro dele (que o próprio enunciador jornalista construiu).

Além disso, ainda segundo Charaudeau (2006, p. 166), na notícia, o leitor espera explicações sobre as causas e as consequências do dito relatado. O analista afirma que as causas são os motivos internos ou externos que levaram o enunciador do discurso relatado a fazer uma ou outra afirmação. As causas que aparecem no excerto em questão, porém, não constam no pronunciamento da presidente. Desse modo, os motivos internos (resolver levar a discussão do setor elétrico para o campo político e escolher a TV para atacar sem ser incomodada por réplicas) e externos (ter sido criticada no Brasil e no exterior e questionada pela oposição sobre o risco de apagão) decorrem de uma avaliação da jornalista que é veiculada de forma a provocar o efeito de que teriam sido realmente essas as causas do pronunciamento da presidente. O efeito de

---

<sup>7</sup> O autor não adota esse termo. Ele utiliza o verbo “narrativizar” (na verdade, “narrativizando”) para descrever essa maneira de relatar um dito. Assim, preferiu-se adaptá-lo e utilizar sua forma nominal.

<sup>8</sup> Charaudeau (2006, p. 165) dá o seguinte exemplo: “Eu te amo” pode ser relatado como “Ele lhe declarou seu amor”. Os enunciados em questão são semelhantes ao seguinte exemplo do autor: “Charles Pasqua e Philippe Séguin querem retomar a aliança de seus partidos”. Além disso, eles parecem estar sob a influência de outro processo discursivo que será explicitado em seguida.

<sup>9</sup> Esse estatuto será confirmado ao longo do trabalho.

certeza pode ser percebido pelo modo dos verbos “resolveu”, “impôs” e “escolheu”, que foram empregados no indicativo e não no subjuntivo, que denotaria dúvida ou possibilidade.

Considere-se, agora, o seguinte trecho:

Dilma foi categórica ao dizer que não há risco de desabastecimento, da mesma forma que afirmou que o PIB cresceria de maneira substancial em 2012 – o que não ocorreu. “Surpreende que desde o mês passado, algumas pessoas – por precipitação, desinformação ou algum outro motivo – tenham feito previsões sem fundamento quando os níveis dos reservatórios baixaram”, disse a presidente. (BORGES, 2013, s.p.)

Percebe-se em “foi categórica ao dizer” não só o discurso indireto, mas também a consideração do enunciador da notícia de que o pronunciamento da presidente tem um tom assertivo. Além disso, há a comparação do enunciado “não há risco de desabastecimento” com outra afirmação da presidente em que ela fez uma previsão<sup>10</sup> (na verdade, o Ministério da Fazenda<sup>11</sup>) que não se confirmou<sup>12</sup>. Logo em seguida, o trecho em discurso direto (“Surpreende [...]”) tem como função comprovar o que foi expresso por meio do discurso indireto, isto é, o quão categórica a presidente foi ao afirmar que não há risco de desabastecimento.

No quarto parágrafo da notícia, mais informações são dadas sobre o pronunciamento da presidente:

**Mais promessas** – Dilma rebateu os argumentos técnicos com promessas. Disse na TV que a entrada em operação de novas usinas e a viabilização de linhas de transmissão vão permitir um aumento de mais de 7% da produção de energia. Ainda aos críticos, emendou: “o Brasil não deixou de produzir um único quilowatt do que precisava e agora, com a volta das chuvas, as térmicas voltarão a ser menos exigidas”. “Cometeram os mesmos erros de previsão os que diziam primeiro que o governo não conseguiria baixar a conta de luz. Depois passaram a dizer que a redução iria tardar. Por último, que ela ia ser menor do que o índice que havíamos anunciado”, afirmou a presidente. (BORGES, 2013, s.p., grifo da autora)

Nota-se que, logo no início dessa nova seção da notícia, o enunciador lança mão, mais uma vez, da “narrativização”: “Dilma rebateu os argumentos técnicos com promessas.” Ou seja, o enunciador da notícia atribui a responsabilidade de rebater os argumentos técnicos com promessas ao enunciador do pronunciamento. Ressalte-se também que a seção é iniciada com a rubrica “Mais promessas” que, além de indicar o posicionamento do enunciador sobre as ações do governo de Dilma Rousseff, serve também para direcionar a interpretação que o leitor deve fazer do trecho que se segue.

Já no enunciado “Disse na TV que a entrada em operação de novas usinas e a

---

<sup>10</sup> MORENO, Javier. “Os protestos mostram que sair da miséria é o início de mais reivindicações”. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2013/11/26/politica/1385435951\\_832236.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2013/11/26/politica/1385435951_832236.html)>. Acesso em: 29 set. 2015.

<sup>11</sup> BRASIL, Portal. *Planalto esclarece dados divulgados por Dilma ao El País*. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2013/11/planalto-esclarece-dados-divulgados-por-dilma-ao-el-pais>>. Acesso em: 29 set. 2015.

<sup>12</sup> IBGE. *Em 2012, PIB cresce 0,9% e totaliza R\$ 4,403 trilhões*. Disponível em: <<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2329>>. Acesso em: 29 set. 2015.

viabilização de linhas de transmissão vão permitir um aumento de mais de 7% da produção de energia”, há o que Maingueneau (2008, p. 88) chama de enunciados destacados autonomizados com sobreasseveração<sup>13</sup> forte, isto é, quando os enunciados citados estão dissociados (semanticamente) do texto de origem. Compare-se esse enunciado com o seguinte fragmento do pronunciamento: “Ao mesmo tempo, com a entrada em operação de novas usinas e linhas de transmissão, vamos aumentar em mais de 7% nossa produção de energia, e ela irá crescer ainda mais nos próximos anos”. (ROUSSEFF, 2013).

No trecho da notícia, pode-se constatar o apagamento da primeira pessoa (“vamos”, “nossa”) do discurso citado e também a modificação de “vamos aumentar em mais de 7%” para “vão permitir um aumento de mais de 7%”. Enquanto no enunciado do pronunciamento tem-se certa segurança de que a produção de energia aumentará, pois seu tom assertivo e enfático contribui para produzir o efeito de verdade; no enunciado da notícia, o verbo “permitir” interfere no modo como esse aumento é entendido, demonstrando um distanciamento por parte do enunciador em relação ao aumento, abrindo margem para dúvidas sobre sua ocorrência na interpretação do leitor. Além disso, no enunciado do pronunciamento depreende-se um *éthos* mais firme, que envolve o leitor, comprometendo-se com ele (por meio do “nós” inclusivo); no enunciado da notícia, nota-se um *éthos* distante, descomprometido com o aumento, deixando-o por conta da viabilização das linhas de transmissão e da abertura de novas usinas.

Desse modo, podem-se levantar algumas hipóteses sobre o porquê de o enunciador da notícia preferir relatar essa informação em discurso indireto e não no direto. Apesar de o discurso indireto permitir a seleção das informações principais (o que vai aumentar) em detrimento de outras (por exemplo, quem é o agente dessa ação), o apagamento das marcas de primeira pessoa pode demonstrar certa “neutralidade” do enunciador em relação às ações do governo, mas, ao mesmo tempo, esse apagamento pode ser uma tentativa de mostrar ao leitor que o governo não se engaja para realizar as ações que a sociedade precisa.

Ainda nesse parágrafo, percebe-se mais um enunciado destacado autonomizado com sobreasseveração forte, mas dessa vez em discurso direto: “Cometeram os mesmos erros de previsão os que diziam primeiro que o governo não conseguiria baixar a conta de luz [...]”. Compare-se com o pronunciamento: “Cometeram o mesmo erro de previsão os que diziam, primeiro, que o governo não conseguiria baixar a conta de luz.” (ROUSSEFF, 2013). Sem levar em conta a pontuação, observa-se que o fragmento do pronunciamento “o mesmo erro” tornou-se, apesar da citação em discurso direto, “os mesmos erros” na notícia. Isso demonstra que o discurso do outro sofre interferências de quem o cita.

No quinto parágrafo da notícia, o enunciador continua a relatar o pronunciamento utilizando o discurso indireto e a modalização em discurso segundo (“De acordo com Dilma, [...]”). Quando o enunciador introduz o discurso direto, ele também introduz outras informações:

“O Brasil vai ter energia cada vez melhor e mais barata. Significa que o Brasil tem e

---

<sup>13</sup> Nos textos mais recentes de Maingueneau, o conceito de sobreasseveração pode ter interpretações diferentes, mas são somente o texto de 2008 e suas interpretações possíveis que interessam aqui.

terá energia mais que suficiente para o presente e para o futuro, sem nenhum risco de racionamento ou de qualquer tipo de estrangulamento no curto, no médio ou no longo prazo”, afirmou a presidente no pronunciamento. Apesar do discurso inflamado, a presidente não explicou qual [sic] artifícios o governo usará para promover o aumento, já que as renovações de contratos com as concessionárias já foram feitas. Ao que tudo indica, o Tesouro Nacional terá de desembolsar alguns bilhões para permitir a ampliação do corte. E o custo de mais uma "bondade" creditada aos cofres públicos ainda é desconhecido. (BORGES, 2013, s.p.)

Nota-se que, logo após a citação do pronunciamento, o enunciador faz um comentário negativo sobre a fala da presidente (“Apesar do discurso inflamado, [...]”) e começa a apresentar hipóteses sobre as consequências de fala da presidente: “Ao que tudo indica, o Tesouro Nacional terá de desembolsar alguns bilhões para permitir a ampliação do corte. E o custo de mais uma "bondade" creditada aos cofres públicos ainda é desconhecido.” Como já foi dito, Charaudeau (2006, p. 166-167) afirma que se esperam explicações sobre as causas e as consequências de um dito. No entanto, de acordo com o autor, em relação às consequências, as mídias são menos prolixas e mais prudentes. Diferentemente do que aconteceu com as causas na notícia da *Veja* (que foram mais assertivas), nota-se tal cuidado com as consequências, observe-se o uso da expressão “ao que tudo indica”.

Ainda em relação ao trecho destacado, percebe-se a menção e o uso, sem ruptura sintática, da palavra “bondade”. Trata-se de uma marca de heterogeneidade que Authier-Revuz (2004, p. 14) chama de modalização autonímica. Mais especificamente, pode-se interpretar o emprego de “bondade” como uma *não coincidência entre a palavra e a coisa*. Segundo Authier-Revuz, esse tipo de não coincidência do dizer diz respeito à “falta (constitutiva do sujeito como falho) de ‘captura do objeto pela letra’” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 23), ou seja, “as palavras empregadas não correspondem exatamente à realidade que deveriam designar.” (MAINGUENEAU, 2013, p. 205). Desse modo, ao pôr em dúvida se a redução da tarifa na energia elétrica é realmente uma bondade, o enunciado da revista reveste-se de um tom irônico. Aliás, a ironia é uma forma de heterogeneidade mostrada e não-marcada que, nesse caso, denuncia a voz da própria jornalista.

Isso acontece de forma semelhante com a palavra “feitos” no seguinte enunciado do sexto parágrafo: “[...] a presidente usou seus oito minutos no horário nobre para ressaltar os ‘feitos’ de 2012 no setor [...]” (BORGES, 2013, s.p.). O enunciador considera que essa palavra foi dita pela presidente, ou seja, na perspectiva do enunciador, a presidente ressaltou o que ela chama de “feitos”. Na terminologia de Authier-Revuz (1998, p. 22), pode-se categorizar esse outro emprego da modalidade autonímica como *a não coincidência do discurso consigo mesmo*, isto é, assinalar “entre suas palavras a presença estranha de palavras marcadas como pertencendo a um outro discurso.” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 23).

O que mais chama atenção no sexto parágrafo é um enunciado destacado autonomizado com sobreasseveração forte em discurso direto: “Foram colocados em operação 4.000 megawatts e 2.780 quilômetros de linha de transmissão. Este ano, a meta do governo é colocar mais 8.500 megawatts de energia e 7.540 quilômetros de novas linhas. [sup] [sic]<sup>14</sup> (BORGES, 2013, s.p.). Compare-se com o pronunciamento “No

---

<sup>14</sup> Não há fechamento de aspas no texto original.

ano passado, colocamos em operação 4 mil megawatts e 2.780 quilômetros de linhas de transmissão. Este ano, vamos colocar mais 8.500 megawatts de energia e 7.540 quilômetros de novas linhas.” (ROUSSEFF, 2013). Desse modo, percebe-se que o enunciador continua a interferir no discurso direto apagando as marcas de primeira pessoa (“colocamos”, “vamos”) e no valor modal (“vamos colocar”: aponta para uma provável realização dessa ação no futuro; “a meta do governo é”: denota algo muito distante e abstrato). É patente, portanto, que a percepção que o leitor poderia ter do pronunciamento oficial da presidente é modificada pelo procedimento de que lança mão o enunciador jornalista. Já a falta de fechamento de aspas do discurso direto revela um “ato falho” do enunciador, pois, após modificar o trecho destacado, ele se esquece de utilizar os sinais gráficos para demonstrar o final de uma suposta declaração autêntica da presidente.

Observe-se, agora, o sétimo parágrafo da notícia da revista *Veja*:

Embora regiões do país tenham vivenciado apagões – nesta semana Teresina e outras 32 cidades sofreram um apagão no dia em que a própria Dilma iria visitar o Piauí – a presidente disse nesta quarta-feira que “o Brasil vive uma situação segura na área de energia” e que “não há maiores riscos ou inquietações”, garantiu. (BORGES, 2013, s.p.)

O trecho demonstra de modo claro um recurso mobilizado na construção da notícia, utilizado pelo enunciador quando apresentou as possíveis causas do dito relatado (“Dilma foi categórica ao dizer que não há risco de desabastecimento, da mesma forma que afirmou que o PIB crescerá de maneira substancial em 2012 – o que não ocorreu. “Surpreende que desde o mês passado, [...]””) e também quando apresentou as possíveis consequências do dito relatado (o comentário “Apesar do discurso inflamado, [...]”). De modo semelhante, no enunciado citado, quando a jornalista informa a situação dos apagões no Brasil e em seguida apresenta as palavras da presidente por meio do discurso indireto e de ilhas textuais, há a tentativa de deslegitimar a fala da presidente utilizando tanto o co-texto anterior ou posterior como suas próprias palavras. Verifica-se, no enunciado das causas do dito relatado, que tanto a previsão da presidente (que não se confirmou) quanto o fragmento, “Surpreende”, de seu próprio discurso, são utilizados contra ela. Ou seja, entende-se que a presidente já fez previsões parecidas, tomou conhecimento de críticas, errou e somente se surpreendeu agora. Sendo assim, cria-se uma imagem negativa do discurso da presidente.

Passa-se, agora, à análise do corpo da notícia da revista *Carta Capital*. Atente-se ao primeiro parágrafo:

A presidenta Dilma Rousseff negou nesta quarta-feira 23, em pronunciamento em cadeia nacional, que o Brasil vá enfrentar um racionamento de energia elétrica. Em uma mensagem de oito minutos, a mandatária criticou previsões “sem fundamento” “por precipitação [sic], desinformação ou algum outro motivo” sobre uma crise no setor, que teve suas “grandes distorções” corrigidas em 2004 com o retorno dos investimentos. (CAPITAL, 2013, s.p.)

Em comparação com a notícia da revista *Veja*, nota-se que aqui também são utilizados o discurso indireto (“negou”, “criticou”) e as ilhas textuais (“sem fundamento”, “por precipitação [sic], desinformação ou algum outro motivo”, “grandes distorções”). Observa-se também que não há a introdução das causas (ou das

consequências) do dito relatado.

Mas o que mais chama a atenção é a presença de um enunciado destacado autonomizado com sobreasseveração forte: “a mandatária criticou previsões “sem fundamento” “por precipitação [sic], desinformação ou algum outro motivo” sobre uma crise no setor”. Comparando com o enunciado da presidente (“Surpreende que, desde o mês passado, algumas pessoas, por precipitação, desinformação ou algum outro motivo, tenham feito previsões sem fundamento, [...]”), percebe-se que, enquanto na notícia as duas ilhas textuais (“sem fundamento” “por precipitação [sic], desinformação ou algum outro motivo”) são atribuídas ao objeto de discurso “previsões”, no pronunciamento o sintagma “por precipitação, desinformação ou algum outro motivo” é atribuído a “algumas pessoas”. Como já foi dito na análise dos intertítulos das duas notícias, enquanto na revista *Veja* o alvo de Rouseff são “os do contra” (no pronunciamento, “aqueles que são sempre do contra”), na *Carta Capital*, seu alvo são as “previsões ‘sem fundamento’”. Uma hipótese para essa tentativa de ocultar o direcionamento da fala (o “ataque”) da presidente aos “do contra” é a construção de uma imagem positiva do pronunciamento da presidente, ou seja, menos agressiva.

Desse modo, na perspectiva de um leitor que não tenha lido ou ouvido o pronunciamento da presidente, pode-se ter acesso a informações divergentes ao ler as duas notícias publicadas pelas revistas semanais.

Já no segundo parágrafo, observa-se uma citação em discurso direto:

"Vamos viver um tempo ainda melhor, quando todos os brasileiros, sem exceção, trabalharem para unir e construir. Jamais para desunir ou destruir. Porque somente construiremos um Brasil com a grandeza dos nossos sonhos quando colocarmos a nossa fé no Brasil acima dos nossos interesses políticos ou pessoais", disse. (CAPITAL, 2013, s.p.)

Apesar de o enunciador ter feito a citação desse trecho, ela não contribui para que a notícia tenha uma progressão, mantendo pouca relação com o primeiro e terceiro parágrafos do texto. Além disso, é interessante notar que esse fragmento é a parte final do pronunciamento da presidente e se direciona àqueles “que são sempre do contra”, mas, como eles não são mencionados, pode-se supor que o enunciador seleciona o segmento, que mostra a presidente como bastante altruísta, para tentar manter uma imagem positiva da fala de Dilma Rouseff. Assim sendo, pode-se dizer que o excerto em questão indicia o posicionamento político da revista.

Considere-se, agora, o terceiro e quarto parágrafos da notícia:

Dilma anunciou ainda uma redução maior no preço da energia que a estipulada em setembro. A partir desta quinta-feira 23, os consumidores terão até 18% de desconto, *ante os 16,2%*, e as indústrias até 32%, *contra 28%*. “É a primeira vez que isso ocorre no Brasil.”

A medida vale também para as regiões do País atendidas pelas concessionárias que não aderiram à proposta do governo federal *para renovação antecipada das concessões em troca de uma redução das tarifas ao consumidor*. (CAPITAL, 2013, s.p., grifo nosso)

Os grifos são para mostrar as informações que não estão no pronunciamento

noticiado, mas que são introduzidas pelo enunciador a partir de outro<sup>15</sup> proferido pela presidente. Pelo fato de os números serem dados incontestáveis, o leitor é induzido a concluir que a redução na tarifa de energia foi uma ação positiva do governo. Além disso, o leitor que por ventura não teve acesso ao pronunciamento certamente atribuirá esses enunciados à mesma enunciação, ou seja, ele provavelmente interpretará todos os enunciados como pertencentes ao pronunciamento do dia 21 de janeiro de 2013.

Em “É a primeira vez que isso ocorre no Brasil”, no quarto parágrafo inteiro e em parte do quinto parágrafo, tem-se citações em discurso direto e indireto sem verbos *dicendi*. Desse modo, apesar de a responsabilidade desses enunciados poder ser facilmente atribuída à presidente Dilma Rousseff, os dois discursos misturam-se, pois não há demarcação de fronteiras (verbo *dicendi*, sinais de pontuação), o que sinaliza uma adesão do enunciador jornalista à fala da presidente.

Ainda no quinto parágrafo, tem-se o seguinte enunciado: “Segundo a petista, as perspectivas do setor são as “melhores possíveis”, pois o País está baixando o custo da energia e aumentando sua produção em 7% por meio de novas usinas e linhas de transmissão.”. Percebe-se que se trata de uma paráfrase do seguinte trecho:

No caso da energia elétrica, as perspectivas são as melhores possíveis. [...] Somos agora um dos poucos países que está, ao mesmo tempo, baixando o custo da energia e aumentando sua produção elétrica. [...] Ao mesmo tempo, com a entrada em operação de novas usinas e linhas de transmissão, vamos aumentar em mais de 7% nossa produção de energia, e ela irá crescer ainda mais nos próximos anos. (ROUSSEFF, 2013, s.p.)

Sem levar em consideração as marcas de heterogeneidade mostrada (a modalização em discurso segundo – “De acordo com a petista...” – e a ilha textual – “melhores possíveis”) que servem para mostrar quem é responsável pelo dito, o enunciado da notícia mantém um sentido semelhante ao do pronunciamento. Sendo assim, se se pensar a relação dos sujeitos com uma FD, como propõem Pêcheux e Fuchs (1997, p. 169), pode-se dizer que tanto o sujeito do pronunciamento como o sujeito da notícia enunciam da mesma FD, pois seus enunciados provêm de uma mesma matriz de sentido. Para corroborar essa leitura, compare-se o modo que o enunciador da notícia da revista *Veja* (que, nessa perspectiva, se encontra numa FD antagônica) apresentou o mesmo enunciado do pronunciamento na análise que se fez anteriormente: “Disse na TV que a entrada em operação de novas usinas e a viabilização de linhas de transmissão vão permitir um aumento de mais de 7% da produção de energia.” (BORGES, 2013, s.p.). Como foi observado, o verbo “permitir” demonstra ao mesmo tempo distanciamento em relação ao dito e, de certa forma, coloca em dúvida a concretização do aumento.

Em um trecho do sétimo parágrafo, encontram-se mais indícios da “mistura” das falas da presidente e do enunciador jornalista da Carta Capital: “O Brasil, afirmou, tem um sistema baseado em diversas formas de geração, como *usinas hidrelétricas, nucleares, térmicas e eólicas, a gás, diesel, carvão e biomassa* para compensar essa

---

<sup>15</sup> ROUSSEFF, Dilma. *Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de anúncio de redução do custo de energia*. Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/discursos-da-presidenta/discorso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-anuncio-de-reducao-do-custo-de-energia-brasilia-df>>. Acesso em: 29 set. 2015.

diferença.” (CAPITAL, 2013, s.p., grifo nosso).

Nosso sistema é hoje um dos mais seguros do mundo porque, entre outras coisas, temos fontes diversas de produção de energia, o que não ocorre, aliás, na maioria dos países. Temos *usinas hidrelétricas, nucleares, térmicas e eólicas*, e nosso parque térmico, que utiliza *gás, diesel, carvão e biomassa* foi concebido com a capacidade de compensar os períodos de nível baixo de água nos reservatórios das hidrelétricas. (ROUSSEFF, 2013, s.p., grifo nosso).

Nota-se que, mesmo em discurso indireto, o enunciador mantém a mesma ordem das palavras do pronunciamento, podendo elas serem relatadas, inclusive, por meio de “ilhas textuais”, já que pertencem efetivamente ao discurso do outro.

No oitavo e último parágrafo da notícia, percebe-se um enunciado destacado autonomizado com forte sobreasseveração em discurso indireto: “Dilma ainda se disse ‘surpresa’ com as previsões de que faltaria energia.” (CAPITAL, 2013, s.p.). Comparando-se com o pronunciamento (“Surpreende que, desde o mês passado, algumas pessoas, por precipitação, desinformação ou algum outro motivo, tenham feito previsões sem fundamento, [...]” (ROUSSEFF, 2013)), nota-se que o enunciador, apesar de o verbo “surpreender” não possuir nenhuma marca de primeira pessoa, cita a fala da presidente como se o enunciado fosse “Surpreendi-me...” ou “Fiquei surpresa...”, fazendo, inclusive, menção e uso da palavra “surpresa” que não se encontra no pronunciamento.

Ainda no oitavo parágrafo, encontra-se o seguinte trecho: “Para a mandatária, os analistas cometeram o mesmo erro “dos que diziam, primeiro, que o governo não conseguiria baixar a conta de luz. Depois, passaram a dizer que a redução iria tardar”. (CAPITAL, 2013, s.p.) Como foi visto anteriormente, na notícia da revista *Carta Capital*, o “ataque” da presidente era contra “as previsões ‘sem fundamento’”, agora, ele parece ser direcionado aos analistas.

A notícia é finalizada da seguinte forma:

Para a mandatária, os analistas cometeram o mesmo erro “dos que diziam, primeiro, que o governo não conseguiria baixar a conta de luz. Depois, passaram a dizer que a redução iria tardar”. “Neste novo Brasil, aqueles que são sempre do contra estão ficando para trás, pois nosso país avança sem retrocessos, em meio a um mundo cheio de dificuldades. Hoje, podemos ver como erraram feio, no passado, os que não acreditavam que era possível crescer e distribuir renda.” (ROUSSEFF, 2013, s.p.)

Note-se que a expressão “aqueles que são sempre do contra” pode ter referentes distintos dependendo de qual das notícias é lida. Enquanto na notícia da revista *Veja* “os do contra” pode se referir principalmente aos políticos de oposição<sup>16</sup>, na notícia da revista *Carta Capital*, o trecho citado em discurso direto é colocado de modo que “aqueles que são sempre do contra” remeta-se a “os analistas” no último parágrafo da notícia. Desse modo, confirma-se mais uma vez a tentativa do enunciador da notícia da *Carta Capital* de mudar ou restringir o alvo de “ataque” da presidente.

---

<sup>16</sup> “[...] a presidente foi questionada pela *oposição* sobre o risco de apagão [...]”; “[...] Especialistas do setor – e não apenas *políticos da oposição* – têm alertado que o risco de racionamento existe [...]” (BORGES, 2013, s.p., grifo nosso)

## Considerações Finais

Após a análise do *corpus*, pôde-se verificar que, sendo utilizadas as mesmas formas de discurso relatado (discurso direto, discurso indireto, modalização em discurso segundo, ilhas textuais), os enunciados das duas notícias apresentaram, na maioria dos casos, sentidos semelhantes aos do pronunciamento. No entanto, nos demais casos em que esse sentido “original” foi alterado, tiveram-se como consequência um posicionamento favorável (da revista *Carta Capital*) ou um posicionamento contrário (da revista *Veja*) à fala da presidente. Desse modo, portanto, a seleção dessas formas de discurso relatado, por serem as mesmas, não decorre da posição ideológica dos órgãos de imprensa, mas o modo como elas são utilizadas é que aponta o posicionamento das revistas analisadas (por exemplo, a hierarquização das informações – o que é ou não selecionado, o que é considerado relevante ou não).

A predominância de um enunciador ou a emergência de outros enunciadores denunciam os dois posicionamentos apreendidos. Na revista *Carta Capital*, mesmo quando o enunciador da notícia pode demonstrar por meio de ilhas textuais, por exemplo, que algum fragmento ou enunciado não é de sua responsabilidade, ele não o faz. Além disso, notam-se fragmentos de outro pronunciamento da presidente. Como apontado na análise, tais fragmentos são recuperados de modo a corroborar o desconto maior que o previsto na taxa de energia, construindo uma imagem positiva da fala de Dilma Rousseff e da própria presidente. Esses procedimentos demonstram, então, a hegemonia do enunciador do discurso primeiro e contribuem para que tanto o discurso citado quanto o discurso citante diluam-se. Já na notícia da *Veja*, há as possíveis causas e consequências do dito relatado, a presença de pré-construído (“insiste em classificar como erros”) e as informações que contradizem a fala da presidente (quedas de energia à época do pronunciamento).

Em virtude da restrição do *corpus* deste trabalho, tais procedimentos merecem ser revistos tendo em vista um *corpus* mais diversificado para averiguar ou não a validade desses apontamentos. Além disso, os aspectos que mais merecem atenção dizem respeito à sobreasseveração em discurso direto, aos “enunciados-simulacros narrativizados” e à modalização autonímica, que apareceram somente na notícia em que o posicionamento é contrário ao discurso que se relatava. Em relação ao primeiro caso, os dados indicam o apagamento das marcas de primeira pessoa e a modificação dos valores modais dos verbos que dizem respeito ao enunciador do discurso primeiro. Isso parece evidenciar a tentativa de um discurso (ou uma FD) denegar seu Outro, corroborando, assim, os postulados de ordem psicanalítica de Authier-Revuz.

No caso dos “enunciados-simulacros narrativizados”, há a necessidade de se investigar se o processo de interincompreensão (ou seja, a criação de simulacros) sempre está presente quando há o que se chamou de “narrativização”. No caso da modalização autonímica, há também a necessidade de se constatar se, quando se lança mão desse procedimento (levando, assim, às não-coincidências do dizer de Authier-Revuz), há sempre ironia, pois, em duas ocorrências no *corpus*, constatou-se que havia.

No que concerne aos leitores, os enunciados que se apresentaram com o sentido “original” alterado já os induzia a uma determinada leitura. Sendo assim, restava aos leitores das revistas lidar com as informações apresentadas e dar crédito (ou não) a elas,

o que, obviamente, vai depender de seu próprio posicionamento em relação aos enunciadorees das notícias e às revistas.

Desse modo, embora os resultados precisem ser confirmados em um *corpus* mais amplo, a análise deste trabalho é significativa já que descreve os procedimentos comparando o pronunciamento da presidente com as notícias supracitadas levando em consideração não só o discurso citado, mas também o discurso citante. Tal procedimento, segundo Bakhtin (2006, p. 154), é essencial, pois ambos só se formam e têm uma existência por meio da sua inter-relação. Além disso, foi em virtude desse procedimento que se pôde apreender a “narrativização” como discurso relatado, o que, por sua vez, permitiu apreender e diferenciar os posicionamentos dos órgãos de imprensa, notadamente o da revista *Veja*.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: *Caderno de Estudos Linguísticos*. Campinas, v.19, p. 25-42, dez. 1990.

\_\_\_\_\_. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998. 200 p.

\_\_\_\_\_. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2004. 257 p.

BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. 203 p.

BORGES, L. *Dilma vai à TV para negar risco de apagão e ataca quem é "do contra"*. 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/economia/dilma-vai-a-tv-para-negar-risco-de-apagao-e-ataca-quem-e-do-contra>>. Acesso em: 29 set. 2015.

CAPITAL, R. C. *Dilma diz que Brasil não terá racionamento nos próximos anos*. 2013. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/dilma-diz-que-brasil-nao-tera-acionamento-nos-proximos-anos>>. Acesso em: 29 set. 2015.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2006. 283 p.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. 555 p.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997. 198 p.

\_\_\_\_\_. *Cenas de enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008. 184 p.

\_\_\_\_\_. *Doze conceitos em Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola, 2010. 207 p.

\_\_\_\_\_. *Análise de textos de comunicação*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013. 304 p.

MEDEIROS, V. G. de. Trajeto histórico de dois tipos de discurso relatado: o discurso direto e o discurso indireto. In: *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, v.9, n.27, p. 125-142, 2004. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/9\(27\)11.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/9(27)11.htm)>. Acesso em: 29 set. 2015.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do*

*discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997. 319 p.

ROUSSEFF, D. *Pronunciamento da Presidenta da República, Dilma Rousseff, sobre redução da tarifa de energia elétrica*. 2013. Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/discursos-da-presidenta/pronunciamento-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-sobre-reducao-da-tarifa-de-energia-eletrica>>. Acesso em: 29 set. 2015.

**Recebido em:** 30/09/2015

**Aprovado em:** 08/05/2016